

## **Ocidente/oriente: por um outro discurso.**

### **As razões fundamentalistas**

Ivan Gomes Barroso

Ismar da Silva Costa - orientador

Devido às vertiginosas torrentes de informações que recebemos em nossas casas diariamente pela imprensa escrita e televisiva posteriormente aos atentados terroristas às cidades de Washington e Nova York no dia 11 de setembro de 2001, símbolos da pujança econômica e catedral do poder bélico americano, deflagrou a denominada: *Guerra Contra o Terror*. O mundo todo se uniria para esmagar a “barbárie” que se opõe ao conceito de paz, liberdade e democracia definido pelo Ocidente.

Como em todo evento que exista o homem pode ser historizado genealógicamente podendo observar seus anseios, inquietações, descontinuidades e suas mudanças assim como a definição de barbárie que o tempo garantiu sua mudança. Este conceito na Antigüidade era identificado com a noção do estrangeiro, ou seja, aquilo que existia fora das fronteiras da cidade e do império. Não resta dúvida que este conceito remete barbárie as ações terroristas são essencialmente modernas.

*“Esse foi constituído na viragem do século XVIII para o século XIX, no Ocidente, quando passou a pesquisar as sociedades arcaicas em oposição à moderna”. (1)*

Com efeito, a barbárie, assim como a primitividade, seria tudo aquilo que não se atingiu os limiares de racionalidade e o controle da efetividade que estariam presentes na modernidade. Para, além disso, a oposição conceitual entre barbárie e civilização era o que legitimava o projeto colonialista, segundo o qual as nações européias procuravam dominar as nações e continentes periféricos.

Segundo Roberto Romano o terror tem sofrido mutações com o decorrer dos anos o que poderia comprovar estas mudanças que norteiam o terror seria o romance de

Josep Conrad *O agente secreto*. Conrad põem na boca do primeiro-secretário da embaixada russa em Londres a opinião de que se o terrorismo quiser ser eficaz precisa ser um ataque às crenças mais valorizadas da sociedade, o diplomata russo manda seu agente provocador explodir o Observatório Real de Greenwich. Atacar o prédio dedicado à ciência da astronomia constituía um ato de ferocidade destrutiva tão absurdo que seria incompreensível e inexplicável.

Tal qual descrito no romance da época de Conrad, o terrorismo propôs um ataque à ciência da moda que na época que era a física. Hoje sendo a genética, economia e o poderio bélico, ou seja, a Al-Qaeda destruiu foi um edifício dedicado ao comércio, não ao estudo das estrelas. A estratégia é a mesma: refazer o mundo com atos espetaculares de terror.

Sendo assim, questões como a mortalidade infantil, analfabetismo, tráfico de drogas, o ressurgimento de doenças que acreditava ter-se erradicadas terminantemente da sociedade, empobrecimento exacerbado dos países emergentes, foram deixados em segundo plano para que entrasse em cena a guerra contra o terror.

Para que esta ação unilateral fosse possível seria necessário construir, ou melhor, inventar uma identidade díspar de Homem com a que estamos familiarizados em nosso cotidiano, para isso fosse possível seria de fundamental importância à utilização do conceito definido por Auerbach de “técnica do holofote”. Que seria o pressuposto utilizado para construção da retórica propagandista para agir como se o mundo fosse um palco, onde os jornalistas iluminam algumas partes do cenário e deixando algumas na sombra. Sendo o personagem ou o enredo que recebe a luz exclusiva pode ser verdadeira, mas não é toda a verdade.

Ora, diz Auerbach, “*da verdade faz parte toda a verdade*”. Procurar o todo leva tempo e tempo hoje é o que menos temos, o que impossibilitaria a tarefa de contrabalançar a mídia que age como instrumento de propaganda. A miríade da notícia

não seria mais a imparcialidade, mas remeter as mentes e corações para a luta contra o inimigo. Na verdade isso é o que ocorre no conflito entre os EUA e o mundo que não reconhece a sua hegemonia imperial. Hoje Bush não precisa usar lápis para falsear as notícias, nem tem necessidade de holofotes que iluminem apenas parcelas do verdadeiro: a CNN e a mídia fazem isso para ele. Por exemplo: antes de a coalizão americana invadir o Afeganistão logo após os atentados, eram irrisórios os comentários em favor dos direitos humanos sobre as condições vividas pelas mulheres Afegãs e as perseguições que eram sujeitas. Posteriormente ficamos enfadados de vê-las desdentadas aplaudindo as tropas da coalizão.

Através destes discursos são construídas as definições do “outro” e as justificativas para atacar o antagonismo alheio como sendo uma identidade heterodoxa, ignorando as diversidades culturais, políticas, econômicas, religiosas e até mesmo sua existência do outro lado do Oceano, não obstante, as pessoas definem sua identidade pelo que não são.

A relutância de não aceitar a enxergar a existência do outro, assim não conseguimos visualizarmos as marcas da opressão, devemos não apenas olhar para o que os opressores projetam do oprimido (por exemplo, a violência israelense projetada no povo palestino), mas também devemos levar em consideração uma recusa em reconhecer a própria existência do outro (no caso, a relutância de Israel em reconhecer a existência dos palestinos). Essa combinação de alucinação positiva e negativa é que torna a relação com o objeto, como diríamos no termo psicanalítico, não apenas tóxico, mas psicótica. O oprimido existe, dessa forma, para conter a destrutividade indesejada do opressor, que ao mesmo tempo insiste em que o oprimido seja algo como Edward Said define por uma “identidade fecal”, tão odiosa que não se pode ser reconhecida, a não ser que, esteja fora de seu campo de visão e finalmente eliminado.

Em outras palavras, o terrorista que utiliza um avião como míssil está simbolicamente devolvendo da violência que o Ocidente utilizou para devastar suas cidades, o horror dos atentados devolve a violência das armas, tanques e bombardeiros. Por isso o objetivo da resistência não seria vencer a sociedade judaica cristã e ocidental, mas devolver ao Ocidente o amargo gosto da pólvora e escombros que ele próprio disseminou por onde ele tem marchado.

Isso tem ocasionado no início do século XXI o padrão do conflito global que é configurado pelo crescimento populacional, pela diminuição das fontes de energia e pela mudança climática irreversível. Juntamente com as inimizades étnicas e religiosas e o colapso ou a corrosão do Estado em muitas partes do mundo, se estas forças estão mudando a própria natureza, dirá do homem.

Falar hoje em fundamentalismo pode parecer obsoleto ao secularismo intrínseco do sistema, mas tem suas origens no século XIX com pensadores como Fichte e Nietzsche que glorificaram a vontade sobre a razão. A palavra “fundamentalismo” nos dias atuais tem uma conotação mais genérica e passou a estar presente na mídia mundial quase sempre com uma definição assustadora. E não é p’ra menos. Os militantes fundamentalistas são responsáveis pela avassaladora onda de violência em grande parte do mundo. Não obstante somos influenciados pelos “holofotes” da mídia a identifica-lo apenas aos religiosos do Oriente-Médio.

No fim do século XX, com a derrota dos impulsos seculares, modernistas e socialistas em uma escala global, uma onda de fundamentalismo em destaque o religioso varreu o mundo. O fundamentalismo é um movimento sócio-religioso e político muito diversificado e que trespassa as fronteiras do islã. Ironicamente, é nos EUA atual que encontramos o maior contingente de fundamentalistas constituído por cristãos. A definição de fundamentalismo definida por Voltaire Schilling:

*“Para o fundamentalista, o fiel deve seguir à risca as páginas dos textos sagrados de sua religião. As escrituras (sejam elas a bíblia, o Talmude, O Corão, ou o Hadith dos Hindus) foram traçadas por Deus, logo devem ser interpretadas conforme a sua vontade”.*

(2)

Conseqüentemente, fundamentalismo seria interpretar as palavras sagradas com um sentido literal em seus fundamentos sem nenhuma alteração ou contextualização, em outras palavras o mundo deve se adaptar a escritura não a escritura ao mundo, o historiador paquistanês Tariq Ali em seu livro *Confronto de Fundamentalismo*, faz uma análise bastante sutil e nítida das representações do fundamentalismo.

*(...) Para os islamitas, nenhum dos governantes muçulmanos atuais é “verdadeiramente” muçulmano. Nenhum. Daí a luta para mudar os regimes existentes e substituí-los por emirados santos. Alguns judeus ortodoxos vêem a simples existência de Israel como uma desgraça. (...) Os hindus ortodoxos estão extremamente insatisfeitos com seu primeiro-ministro por ser frouxo demais para com os 130 milhões de muçulmanos na Índia e não permitir ao Hindutva registrar um triunfo total da cultura hindu contra os estrangeiros, (...).* (3)

A ortodoxia americana teve o seu surgimento no século XX na medida que o sistema americano passava por um abrupto processo de aceleração da modernidade, democracia, secularismo e liberalismo e da adoção das concepções darwiniana da natureza, trouxeram um descaso dos costumes transcendentais e mitológicos que constroem a identidade americana. A respostas contra estas heresias foram as criações do World’s Christian Fundamentals Association, WASP, em 1919. Os líderes de igrejas presbiterianas, adventista e batista responsabilizaram pela apostasia dos americanos o pecado da modernidade. Acreditando no iminente retorno de cristo.

Para que Cristo ficasse satisfeito com o “seu povo” estava mais do que na hora de voltar aos antigos costumes e ensinamentos, tendo a Bíblia como o único instrumento

para nortear a sociedade. O efeito deste conceito rapidamente sentido na economia com a aprovação da conhecida Lei Seca de 1920, que proibiu a bebida alcoólica nos EUA.

Desde início da década de 1980, os fundamentalistas têm-se aproximado de Ariel Sharon atualmente 1º ministro de Israel, para apoiá-lo a uma política ainda mais extrema no Estado de Israel. Não por terem alguma simpatia especial pelos judeus. Ao contrário. Para eles, somente com o retorno de todos os judeus para Israel é que poderá ocorrer o advento de Cristo.

Atualmente os fundamentalistas americanos concentram-se na luta contra o direito de aborto (cometeram exacerbados atentados e assassinatos a clínicas de aborto), militam contra a Emenda de Emancipação da mulher, contra o direito dos homossexuais e a favor da reza obrigatória nas escolas públicas.

O fundamentalismo islâmico ao contrário do que a maioria acredita não é desfavorável a democracia, mas semelhantemente ao fundamentalismo cristão é um forte opositor a modernização especificamente a identificada pela ocidentalização. Por exemplo, a visão de céu na mentalidade muçulmana e cristã é constituída por fieis que são iguais em bênçãos e beleza. No momento das preces que são feitas cinco vezes ao dia todos os fieis se voltam para uma mesma direção, todos alinhados em fileiras indistintamente a sua posição financeira e racial.

Todavia a modernidade é fruto do secularismo e é definida por corrupta para todas as religiões sobre tudo a uma que se identifica como sendo a grandeza universal da mensagem de Deus conforme ele é apresentada no Alcorão.

Em uma época global pode parecer que a defesa de nossa identidade é a única diferença que resta. Mas de quem é a identidade que está sendo defendida, e no interesse de quem?

Bibliografia

- (1) JOEL Birman, Sobre o mal-estar, na modernidade e na brasilidade. In: Luís Carlos Fridman, Política e Cultura: Século XXI. Rio de Janeiro, Relume Dumará/ Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 2002.
- (2) SCHILLING, Voltaire. Ocidente X Islã,. 2ª ed. Porto Alegre L&PM, 2003. pg. 126
- (3) ALI Tariq; Confronto de fundamentalismos; trad. Alves Calado. – Rio de Janeiro: Record, 2002. pg.357